



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

<http://dx.doi.org/10.22351/et.v60i2.4074>

DE MORTALITATE: CÍPRIANO DE CARTAGO E A PANDEMIA DO TERCEIRO SÉCULO¹

*De mortalitate: Cyprian of Carthage
and the pandemic of the third century*

José Mário Gonçalves²

Resumo: O artigo apresenta a obra *De mortalitate*, de Cipriano de Cartago (+258), à luz do seu pano de fundo histórico, a saber, a pandemia conhecida como “Praga de Cipriano”, que atingiu o Império Romano na segunda metade do século III, deixando um considerável saldo de mortos e afligindo tanto pessoas pagãs como cristãs. Analisam-se os principais argumentos do bispo cartaginense que procura exortar seus fiéis diante da tragédia. Discutem-se as teses de Rodney Stark sobre o papel das epidemias no crescimento do cristianismo e procura-se refletir criticamente sobre como as crenças e atitudes defendidas por Cipriano podem nos ajudar diante da atual pandemia de Covid-19.

Palavras-chave: Cipriano de Cartago. Pandemia. História do cristianismo.

Abstract: This paper presents the work *De mortalitate* by Cyprian of Carthage (+258) in the light of its historical background, namely the pandemic known as “Plague of Cyprian”, that struck the Roman Empire in the second half of the 3rd century leaving a considerable number of dead, both pagans and Christians. It analyzes the main arguments of the Carthaginian bishop who seeks to exhort his faithful in the face of tragedy. Rodney Stark’s theses on the role of epidemics in the growth of Christianity are discussed and we seek to reflect critically on how the beliefs and attitudes advocated by Cyprian can help us in the face of the Covid-19 pandemic.

Keywords: Cyprian of Carthage. Pandemic. History of Christianity.

Introdução

Em 11 de março de 2020, a Covid-19 foi caracterizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma pandemia, isto é, como uma doença cujo contágio

¹ O artigo foi recebido em 21 de julho de 2020 e aprovado em 12 de outubro de 2020 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Doutor. Faculdade Unida de Vitória. Vitória/ES. E-mail: mario@fuv.edu.br

se espalhou por várias regiões geográficas.³ Até 24 de julho, a OMS contabilizava 15.296.926 casos de Covid-19, 628.903 mortes em todo o mundo.⁴ De acordo com o Ministério da Saúde do Brasil, em 27 de julho de 2020, 2.419.091 brasileiros já haviam sido infectados e o número de mortos pelo novo coronavírus era de 87.004 pessoas.⁵ Esses números são alarmantes por si, sem entrar no mérito das possíveis subnotificações, que, se contabilizadas, elevariam consideravelmente essa estatística.⁶ Trata-se de uma das piores tragédias humanitárias de nossa história recente e as igrejas cristãs (bem como outras comunidades de fé) foram desafiadas a repensar suas crenças e suas práticas à luz dessa nova situação. Não é a primeira vez que isso acontece na história e o caso que apresentaremos aqui pode nos ajudar nessa reflexão.

Entre o século I e o século IV d.C., cinco grandes pragas atingiram o Império Romano: a primeira foi em 79, depois da erupção do Vesúvio, quando uma epidemia, provavelmente de malária, atingiu toda a região da Campagna; a segunda, no ano de 125, conhecida como “Praga de Orosius”, por ter sido narrada por esse historiador, deve ter sido provocada pela peste bubônica; a terceira aconteceu ente 164-180 e é chamada “Praga dos Antoninos”, que começa nas fronteiras orientais do império e chega a Roma em 166, matando milhares de pessoas, entre elas o imperador Marco Aurélio. Essa praga pode ter sido de varíola ou tifo. A quarta é conhecida como a “Praga de Cipriano” e ocorreu entre 251-266 e pode ter sido causada por sarampo ou varíola, e também provocou uma imensa mortandade; e a quinta ocorreu em 312, talvez de varíola, sobre a qual pouco sabemos.⁷

A “Praga de Cipriano”⁸, que nos interessa neste artigo, tem esse nome porque ela aconteceu durante a vida e o ministério desse famoso bispo e mártir norte-africano. Cipriano foi bispo em Cartago, África do Norte, de 249 a 258, quando sofreu o martírio no tempo do imperador Valeriano.⁹ Ele é uma das fontes antigas sobre a praga, tendo escrito em 253 a obra *De mortalitate* (“A mortalidade”) para encorajar e exortar a comunidade cristã a se manter firme na fé durante a terrível pandemia.¹⁰ Nela se

³ WORLD HEALTH ORGANIZATION. *WHO Director-General’s opening remarks at the media briefing on COVID-19-11 March 2020*. Disponível em: <<https://www.who.int/dg/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020>>. Acesso em: 27 jul. 2020.

⁴ ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAÚDE. *Folha informativa – COVID-19*. Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875>. Acesso em: 27 jul. 2020.

⁵ BRASIL. Ministério da Saúde. *Coronavírus Brasil – Painel Coronavírus*. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: 27 jul. 2020.

⁶ Para uma análise dessa subnotificação, veja-se PRADO, Marcelo Freitas do et al. Análise da subnotificação de COVID-19 no Brasil. *Revista Brasileira de Terapia Intensiva*, v. 32, n. 2, p. 224-228, 2020.

⁷ BRAY, Robert Stow. *Armies of pestilence: the impact of disease on history*. New York: Barnes & Noble, 2000. p. 12-13. A indefinição sobre a natureza exata de cada uma dessas epidemias ou pandemias deve-se à escassez das fontes bem como aos limites de conhecimento dos autores que as descreveram à época.

⁸ No texto de Cipriano, as palavras *mortalitas*, *pestilentia*, *malorum*, *pestis* e *plagis* são usadas para descrever a pandemia.

⁹ SAXER, Victor. Cipriano de Cartago. In: BERARDINO, A. (Org.). *Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 292.

¹⁰ MORESCHINI, Claudio; NORELLI, Enrico. *História da literatura cristã antiga grega e latina I: de Paulo à era constantiniana*. São Paulo: Loyola, 2014. p. 494.

encontra uma descrição dos sintomas da doença que assolava o império: febre, ulceração, vômito contínuo, ardor nos olhos, putrefação de membros (que precisam ser amputados), paralisia das juntas, surdez e cegueira.¹¹ Nas páginas a seguir, (1) faremos uma breve análise dessa obra de Cipriano, destacando seus principais temas, (2) consideraremos o texto à luz das teses de Rodney Stark sobre o papel das epidemias no crescimento do cristianismo e (3) tentaremos apontar alguns caminhos que podem nos ajudar em nossa presente situação.

Cipriano de Cartago e *De mortalitate*

Pôncio, diácono da igreja de Cartago ao tempo de Cipriano e que escreveu sua biografia, descreve assim o cenário da peste:

Rebentou então uma peste tremenda; uma execranda doença devastadora de proporções espantosas atingia cada dia inumeráveis pessoas, invadindo as casas todas a eito, perante o terror do povo. Todos ficavam horrorizados, choravam, procuravam evitar o contágio, abandonavam desapidadamente os familiares, como se, afastando-se do moribundo empestado, pudessem escapar à morte. Jaziam dentro da cidade, pelos caminhos, não já corpos humanos, mas cadáveres amontoados, solicitando à vista da sorte comum, a piedade dos viandantes. Ninguém se importou com mais nada a não ser com os ganhos cruéis; ninguém se assustou lembrando-se de que semelhante chaga pudesse cair sobre ele; você fez aos outros o que gostaria que lhe fizessem¹².

A descrição que Pôncio faz do cenário da peste muito se assemelha com o relato que Tucídides, em sua *História da Guerra do Peloponeso*, faz da praga que atingiu Atenas por volta de 430 a.C.:

Os corpos dos moribundos se amontoavam e pessoas semimortas rolavam nas ruas e perto de todas as fontes em sua ânsia por água. Os templos nos quais se haviam alojado estavam repletos dos cadáveres daqueles que morriam dentro deles, pois a desgraça que os atingia era tão avassaladora que as pessoas, não sabendo o que as esperava, tornavam-se indiferentes a todas as leis, quer sagradas, quer profanas. Os costumes até então observados em relação aos funerais passaram a ser ignorados na confusão reinante, e cada um enterrava os seus mortos como podia. Muitos recorreram a modos escabrosos de sepultamento, porque já haviam morrido tantos membros de suas famílias que já não dispunham de material funerário adequado. Valendo-se das piras dos outros, algumas pessoas, antecipando-se às que as haviam preparado, jogavam nelas seus próprios mortos e lhes ateavam fogo; outros lançavam os cadáveres que carregavam em alguma já acesa e iam embora¹³.

¹¹ CIPRIANO DE CARTAGO. *A Mortalidade*. In: *Obras completas*. São Paulo: Paulus, 2016. v. 1, p. 138-139.

¹² PÔNCIO. *A verdadeira vida de São Cipriano*. Lisboa: Paulus, 2018. p. 29-30.

¹³ TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001. p. 117-118.

Embora separados pelos séculos e pela geografia, ambos os relatos apontam para o desesperado sofrimento das vítimas e o seu abandono por parte dos familiares, que temiam o contágio e já não sabiam mais o que fazer diante da extrema mortandade.

É nesse contexto que Pôncio passa a descrever a atuação de Cipriano diante da praga. Segundo ele, o bispo de Cartago:

Primeiramente reúne o povo para instruir sobre a importância da misericórdia dispensando-lhe os exemplos da Sagrada Escritura e para os fazer cair na conta de quanto importem as obras de caridade para se ganharem méritos aos olhos de Deus. Neste contexto aproveitou para ensinar que não haveria nada de extraordinário prestar somente aos nossos os serviços que a caridade impõe [...] ¹⁴.

Três obras de Cipriano surgem nesse período: *De opere et eleemosynis* (“As boas obras e a esmola”, que trata, como o título indica, da importância da prática das boas obras para o cristão), *Ad Demetrianum* (“A Demétrio”, um breve tratado apologético dirigido a um pagão que responsabiliza os cristãos pelos males que assaltam o império, uma vez que esses se recusam a venerar os deuses de Roma) e *De mortalitate*. ¹⁵

De mortalitate parece ter sido, originalmente, um sermão de Cipriano que depois foi divulgado na forma de um tratado. Seus destinatários eram dois grupos na igreja: o primeiro grupo era formado pelas pessoas que estavam perturbadas diante do fato de que a mortalidade da praga atingia, de modo indiscriminado, tanto a comunidade cristã como a comunidade pagã; o segundo grupo era composto por quem estava incomodado pelo fato de que morrer dessa maneira era menos honroso e agradável a Deus do que morrer como mártir. ¹⁶

Scourfield, discutindo a tese de Charles Favez, segundo a qual *De mortalitate* é a mais antiga obra cristã do gênero *consolatio* ¹⁷, escrita na mesma tradição de autores latinos pagãos como Cícero, Sêneca e Plutarco, afirma que a obra do cartaginense antecede em mais de um século todas as demais obras cristãs do gênero. Ela também é diferente das outras porque não trata da morte de um indivíduo em particular, mas procura responder às angústias de toda uma comunidade. E o tom de suas consolações é muito mais severo que o usual. ¹⁸

Logo no início da obra, Cipriano observa que, enquanto algumas pessoas do seu rebanho se mostravam firmes na fé, outras mostravam fraqueza e temor da morte diante da pandemia reinante e, diante disso, ele pretende exortá-las a partir das Escrituras.

Muitos de vós, irmãos diletíssimos, têm o espírito calmo, a fé firme e o ânimo devotado; longe de serem abalados pela extensão da mortalidade atual, qual rochedo forte e estável, quebram os assaltos impetuosos do mundo e as violentas vagas do século, sendo por elas

¹⁴ PÔNCIO, 2018, p. 30.

¹⁵ MORESCHINI; NORELLI, 2014, p. 494.

¹⁶ SCOURFIELD, J. H. D. The De Mortalitate of Cyprian: consolation and context. *Vigiliae christianae*, v. 50, n. 1, p. 14-15, 1996.

¹⁷ FAVEZ, Charles. *La consolation latine chrétienne*. Paris: Vrin, 1937. p. 15.

¹⁸ SCOURFIELD, 1996, p. 13.

provados, mas não vencidos. Noto, todavia, que alguns dos fiéis sustentam o combate com menor vigor e – seja por fraqueza de caráter ou por falta de fé, seja pelos encantos da vida no século ou pela fraqueza do sexo, seja, ainda, o que é mais grave, por um erro de doutrina – não fazem valer a força divina e invencível que trazem dentro de si. Isso não é algo que se possa deixar passar em silêncio ou disfarçar; pelo contrário. Portanto, na medida das minhas pobres forças, com a maior energia e com palavras hauridas dos livros divinos, seja reprimida a ignávia de um ânimo autocondescendente, a fim de que seja realmente digno de Deus e do Cristo quem já se tornou servo de Deus e do Cristo.¹⁹

A resposta de Cipriano será, ao longo de todo o texto, apontar para o que pode ser chamado de uma “existência escatológica”, que deve definir a vida do quem é *deo militati* (“soldado de Deus”). Tal existência coloca a pessoa crente diante daquilo que, para ela, já deve ser uma realidade, posto que já se encontra nos “acampamentos celestiais”²⁰. Essa existência escatológica deve preservá-la das perturbações diante dos sofrimentos do mundo, uma vez que esses já foram preditos pelo próprio Cristo:

Quem é soldado de Deus, irmãos caríssimos, deve reconhecer, como que colocado nos acampamentos celestiais, que já vive das realidades divinas, de maneira que não tenha nenhuma hesitação, nenhuma perturbação diante das procelas e dos turbilhões do mundo; pois o próprio Senhor predisse que essas coisas haveriam de vir. Com palavras de previdente exortação, ele instruiu, ensinou, preparou e animou os membros de sua Igreja, para que pudessem suportar, quando viessem, os sofrimentos futuros – fome, guerras, terremotos e pestes – que prenunciou e profetizou que surgiriam por toda parte. E para que um medo de inesperadas e desconhecidas calamidades não nos fizesse tremer, preveniu que nos últimos tempos mais e mais se intensificariam as adversidades²¹.

Se isso é requerido das pessoas cristãs diante dos sofrimentos em geral, ainda mais diante da morte, que deve ser encarada não como motivo de medo, mas sim como razão de alegria, uma vez que é pela morte que se passa a usufruir mais plenamente da presença do Cristo. Não querer isso e manifestar ansiedade diante da possibilidade da morte é, para o bispo de Cartago, falta de esperança e de fé, virtudes cristãs fundamentais:

Avizinham-se, com [este] mundo que passa, o prêmio da nossa vida, o júbilo da salvação eterna e a alegria perpétua, a posse do paraíso que perdêramos. As realidades celestes já sucedem às terrenas, as grandes às pequenas, as eternas às passageiras. Que motivo há, pois, para ansiedade e desassossego? Quem fica inquieto e triste nesta situação, senão quem não tem esperança e fé? Temer a morte é próprio de quem não quer ir para o Cristo. Não querer ir para o Cristo é próprio de quem não crê que começará a reinar com ele²².

¹⁹ CIPRIANO, 2016, p. 134.

²⁰ Parece haver aqui um eco de Efésios 2.6.

²¹ CIPRIANO, 2016, p. 134.

²² CIPRIANO, 2016, p. 142.

Para Cipriano, quando se considera o sofrimento do mundo, nada mais sensato do que desejar sair dele, uma vez que tal mundo é o lugar das mais aguerridas lutas espirituais de quem procura viver de acordo com a fê:

Aliás, o que há no mundo senão o combate cotidiano que se trava contra o demônio e pe-las assíduas contra seus dardos e flechas? Nossa luta é com a avareza, com o despudor, com a ira, com a ambição; nossa batalha contínua e penosa é contra os vícios da carne e as seduções do século. O espírito do homem, cercado e oprimido de todos os lados pela perseguição do diabo, dificilmente percebe cada um de seus golpes e a custo resiste-lhes. Pois, se a avareza é abatida, levanta-se a libido; se a libido é dominada, surge a ambição; se é desprezada a ambição, a ira exaspera, a soberba infla, a embriaguez atrai, a inveja rompe a concórdia, o ciúme destrói a amizade. És levado a maldizer e a lei divina nos proíbe isso. És obrigado a jurar e isso não é lícito. Tantas perseguições sofre cotidianamente o espírito [humano], tantos perigos oprimem o seu peito; e [ainda assim] agrada-lhe estar por mais tempo aqui, entre as armas do demônio, apesar de ser mais desejável e preferível apressar os passos, por uma morte mais próxima, ao encontro do Cristo?²³

O tom de Cipriano sobe ainda mais, pois, para ele, quem teme a morte e prefere viver nesta vida e neste mundo age como cego e louco, uma vez que está trocando, por causa da incredulidade, a bem-aventurança eterna pelas angústias deste mundo:

Se, portanto, alegrar-se é ver o Cristo, e não pode haver outra alegria para nós que não a de ver o Cristo, que cegueira de mente, que insanidade de espírito é amar as angústias, as penas e as lágrimas do mundo, em vez de correr ao encontro da alegria que nunca nos poderá ser tirada. Isso acontece, irmãos diletíssimos, porque falta a fê; porque ninguém crê que seja verdadeiro aquilo que prometeu Deus, que é veraz e cuja palavra é eterna e inabalável para aqueles que creem²⁴.

Peter Brown observa que, para Cipriano, o corpo é visto como um campo de perpétuo perigo para a pessoa cristã, tanto por causa da tentação sexual como pelos diversos anseios “mundanos” como a raiva, o ciúme e a soberba. Assim, temer a dor física ou a morte (fosse pelo martírio, fosse pela doença) “era o inimigo mais opressivo que os cristãos tinham que aprender a suplantar”²⁵. Explica-se dessa maneira a veemente exortação do cartaginense para que o seu rebanho vencesse tal medo, porque vencê-lo era vencer o próprio corpo e, por conseguinte, vencer o mundo e suas tentações.

Na sequência da argumentação de Cipriano há ainda outra questão que ele precisa tratar e que aflige sua grei, a saber, o fato de que tanto a comunidade cristã como a pagã sofrer dos mesmos males, pois a doença atingia igualmente a ambas. O bispo, contudo, observa que existe uma fundamental diferença de perspectiva entre a atitude cristã e não cristã face à doença e à morte comum:

²³ CIPRIANO, 2016, p. 135.

²⁴ CIPRIANO, 2016, p. 135-136.

²⁵ BROWN, Peter. *Corpo e Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990. p. 168.

Mas, todavia, a alguns estranha que o contágio deste mal atinja igualmente os nossos e os gentios, como se acreditassem que se é cristão para gozar sossegado deste mundo e desta vida, imunes do contato dos males, e não para reservar-se às futuras alegrias, depois de sofrer aqui todas as adversidades. Lastimam estes que compartilhem com todos da mesma mortalidade. O que, porém, não haveremos de ter em comum com os demais homens, enquanto esta carne comum permanece sob a lei do primeiro nascimento? Enquanto estamos neste mundo, somos ligados ao gênero humano pela igualdade na carne, e separados pelo Espírito. Por isso, até que este [corpo] corruptível se revista da incorrupção, o mortal receba a imortalidade e o Espírito nos conduza a Deus Pai, tudo o que há de incômodo na carne nos será comum com o gênero humano. Assim, quando a terra [torna-se] estéril e não produz frutos, a fome não distingue ninguém. O mesmo quando uma cidade é dominada pela invasão do inimigo, o cativo pesa igualmente sobre todos [os habitantes]. Quando o céu sereno retém a chuva, a seca é uma só para todos. Quando um escolho fende o navio, o naufrágio é comum aos navegantes, sem exceção. Do mesmo modo a dor dos olhos, o ataque das febres e as enfermidades de todos os membros são as mesmas para nós e para os outros, enquanto carregamos neste século esta mesma carne²⁶.

Perante esse quadro, cabe às pessoas cristãs reconhecerem que a sua luta neste mundo é ainda mais dura do que a das pessoas incrédulas, uma vez que é necessário também lutar contra as tentações. Sua atitude deve seguir os exemplos bíblicos de paciência e resignação de personagens como Jó, Tobias, Abraão e Paulo, pois “afinal, é isto justamente que nos diferencia dos demais homens, daqueles que não conhecem a Deus, pois enquanto estes se queixam e murmuram da adversidade, nós na desventura não nos afastamos da virtude e da fé, mas até nos fortalecemos na dor”²⁷.

Outra diferença fundamental entre pessoas crentes e não crentes diante da morte diz respeito ao seu destino eterno. Segundo Cipriano, são estas últimas que devem temer a morte, pois o inferno é o seu destino:

Tema morrer, sim, mas aquele que, não tendo renascido na água e no Espírito, é propriedade do fogo e da geena. Tema morrer quem não participa da cruz e da paixão do Cristo. Tema morrer quem passa desta morte a uma segunda morte. Tema morrer o que deixando o século será atormentado pela chama inextinguível das penas eternas. Tema morrer quem encontra na terra uma protelação dos sofrimentos e gemidos²⁸.

Cipriano ainda enxerga alguns benefícios que a praga e a mortalidade dela decorrentes podem proporcionar aos seres humanos. Como podemos constatar na citação a seguir, um desses benefícios é de caráter ético, pois a tragédia daria a oportunidade de se praticar boas obras:

Afinal, irmãos caríssimos, que pode haver de mais proveitoso e necessário? Com efeito, esta epidemia que parece tão horrível e funesta põe à prova a justiça de cada um e

²⁶ CIPRIANO, 2016, p. 136.

²⁷ CIPRIANO, 2016, p. 138.

²⁸ CIPRIANO, 2016, p. 139.

experimenta o espírito dos homens, verificando se os sãos servem aos enfermos, se os parentes se amam sinceramente, se os senhores têm piedade dos servos enfermos, se os médicos não abandonam os doentes que imploram, se o violento reprime a violência, se o avarento, ao menos por meio da morte, abandona o ardor sempre insaciável da sua desvairada cobiça, se os soberbos quebram o orgulho, se os desonestos refreiam a audácia, se, ao menos por terem morrido os que os ricos amavam, vendo-se à beira da morte e sem herdeiros, distribuem alguma coisa aos pobres²⁹.

Sendo essas atitudes aquelas que deveriam distinguir, na concepção do bispo de Cartago, a maneira cristã da maneira pagã de viver a vida, a praga poderia ser considerada um bem, uma vez que colocaria à prova as verdadeiras pessoas fiéis e mesmo estimularia as descrentes a uma nova atitude diante dos seus semelhantes.

Um segundo benefício da peste é que ela seria uma forma de preparar o espírito cristão para o martírio, algo tão caro a Cipriano e à sua comunidade.³⁰ Em virtude disso, ele escreve:

Se, porém, nada mais nos proporcionasse esta mortalidade, ainda valeria muito para nós, cristãos, por este resultado que produziu: pois, ensinando-nos a não temer a morte, faz que comecemos a desejar de boa vontade o martírio. Estamos, pois, diante não do enterro, mas do adestramento. A mortalidade é um exercício que dá ao espírito a glória da fortaleza e nos prepara para a coroa, pelo desprezo da morte³¹.

Uma exortação particularmente dura de Cipriano diz respeito ao luto. Para o cartaginense, o choro e o luto não são condizentes com a fé cristã e representam um mau testemunho perante a sociedade pagã no que diz respeito à fé na vida eterna:

E a nós também, mínimo e último, quantas vezes foi revelado, com que frequência e clareza Deus se dignou ensinar-nos, a fim de que o afirmássemos e pregássemos pública e assiduamente, que não devem ser chorados os irmãos libertados do século pelo chamado divino. Sabemos que não os perdemos, mas que eles nos precedem, que, retirando-se, avançam na nossa frente, à semelhança dos que viajam ou navegam. Saibamos, pois, que devemos lembrar-nos deles, mas não chorá-los, nem usar, aqui, vestes pretas, quando eles, lá, já vestiram a veste branca. Não devemos, pois, dar ocasião aos gentios para que nos repreendam, com razão e direito, dizendo que choramos como extintos e perdidos aqueles que afirmamos viverem junto de Deus e que não provamos com o coração a fé que manifestamos com palavras. Traímos assim a nossa fé e a nossa esperança; parece ser falso, fingido e simulado o que dizemos. De nada adianta alardear virtudes por palavras e revelar o contrário por fatos³².

²⁹ CIPRIANO, 2016, p. 139.

³⁰ De um modo geral, “o martírio exercia uma função capital na formação da autocompreensão cristã” (IRVIN, Dale T.; SUNQUIST, Scott W. *História do movimento cristão mundial*. São Paulo: Paulus, 2004. v. 1, p. 117).

³¹ CIPRIANO, 2016, p. 140.

³² CIPRIANO, 2016, p. 141.

Na parte final do texto, Cipriano revela com mais clareza sua concepção de mundo. Para o bispo de Cartago, o mundo é uma realidade envelhecida, decrépita, prestes a perecer. Tragédias e mortes apenas apontam para esse inevitável destino e, portanto, devemos nos desapegar desta vida e voltar nossa fé e esperança para o mundo imperecível da eternidade:

Posto que essa deva ser a atitude constante dos servos de Deus, agora, mais do que nunca, deve ser assim, pois o mundo já se está desmoronando, assolado pelos turbilhões que o assaltam; assim nós que percebemos já terem começado as coisas duras e sabemos estarem iminentes outras ainda mais pesadas, estimemos, como grande lucro, deixar mais depressa este lugar. Se em tua casa as paredes envelhecidas trepidassem, o teto se abalasse e a própria casa, corroída pelo tempo, já frouxa e sem firmeza, ameaçasse ruir, não te mudarias com toda presteza? Se em viagem uma violenta e tormentosa procela, levantando as vagas mais impetuosas, prenunciasse o naufrágio, porventura não procurarias imediatamente um porto? Eis que o mundo vacila e desmorona e a sua ruína não é apenas o envelhecimento, mas o próprio fim; tu, porém, não dás graças a Deus, nem te rejubilas por te livrares, pela morte prematura, da ruína do naufrágio e das desgraças iminentes?³³

O tema do envelhecimento do mundo aqui expresso por Cipriano é caracteristicamente estoico. Entretanto, essa compreensão se reveste de uma perspectiva tipicamente cristã ao abrir-se para uma visão escatológica que contempla a expectativa da vida eterna.³⁴ E é nessa perspectiva que Cipriano encerra seu texto:

Devemos considerar e refletir, irmãos diletíssimos, que renunciamos ao mundo e que nele habitamos provisoriamente como hóspedes e peregrinos, sobre tudo isso. Amemos, pois, o dia que coloca um de nós na verdadeira pátria, que, libertando-nos dos laços seculares, restitui-nos ao paraíso e ao reino. Quem, estando em terra estranha, não abreviaria o regresso à pátria? Navegando com pressa para o convívio dos seus, quem não desejaria ardentemente um vento propício, que mais cedo permitisse abraçar os entes queridos? Para nós, a pátria é o paraíso. Os patriarcas já começam a ser os nossos pais. Por que, então, não nos apressamos e corremos para ver a nossa pátria e abraçar os nossos pais? Ai nos espera um grande número de entes queridos, ai nos aguarda com ansiedade uma multidão de irmãos, pais e filhos, já segura de sua glória e preocupada com a nossa salvação. Que alegria não há de ser para nós e para eles quando chegarmos à sua presença e ao seu amplexo? Qual não será, então, o prazer, quão grande a felicidade de possuir, sem temor da morte, a vida eterna e os reinos celestiais?³⁵

Uma vez que consideramos o texto de Cipriano, passemos agora a ver como ideias e atitudes semelhantes as que ele defendeu em seu tratado podem ter contribuído para o fortalecimento e o crescimento do cristianismo no mundo antigo.

³³ CIPRIANO, 2016, p. 143.

³⁴ LOPES, Geraldo. *Patrística pré-nicena*. São Paulo: Paulinas, 2014. p. 190.

³⁵ CIPRIANO, 2016, p. 14

A pandemia e o crescimento do cristianismo

Em sua obra *O crescimento do cristianismo*, Rodney Stark defende que as epidemias tiveram um papel importante para o crescimento do cristianismo.³⁶ Ele apresenta três motivos para sustentar seu argumento. Em primeiro lugar, havia uma razão de caráter filosófico-teológico:

As epidemias fizeram soçobrar a capacidade de explicação e de consolação do paganismo e das filosofias helenista. Em contrapartida, o cristianismo oferecia uma explicação muito mais satisfatória sobre as razões pelas quais aqueles terríveis tempos haviam se abatido sobre a humanidade. Além disso, o cristianismo delineava uma imagem esperançosa e até mesmo otimista em relação ao futuro³⁷.

Esse primeiro motivo explica-se como decorrência de uma crise de fé. Como observa Stark, situações de calamidade social ou natural costumam esgotar as capacidades das religiões (e das filosofias de vida) dominantes de atender as novas demandas que surgem, seja porque elas não são mais capazes de explicar de modo convincente as razões da calamidade, seja porque elas se mostrem ineficazes contra a calamidade. Nesse cenário, as sociedades podem desenvolver ou adotar novas crenças religiosas.³⁸ De acordo com Stark, nem a religião tradicional nem as filosofias presentes em Roma à época da pandemia foram capazes de oferecer uma explicação satisfatória para a existência da praga, nem apontar caminhos para o futuro. Entretanto, a fé cristã dizia ter a resposta.³⁹ É o que vimos na obra de Cipriano: a peste é uma realidade condizente com um mundo velho e decadente que deve ser abandonado e a verdadeira vida está além desta vida, numa realidade nova e eterna.

Mas essa não era uma crença apenas de Cipriano. Em outros lugares do império nos quais a praga havia chegado, outros pregadores cristãos estavam anunciando ideias e valores semelhantes. Assim é que Dionísio, bispo de Alexandria, conforme registrado por Eusébio de Cesareia, escreve ao seu rebanho:

Após termos obtido, eles e nós, uma pausa muito curta para respirar, a epidemia atual abateu-se sobre nós. Constituiu para eles aflição mais temível que outra qualquer e mais cruel que qualquer tribulação. Segundo um de seus escritores, foi um evento único, além de toda expectativa; para nós, contudo, não foi assim, mas constituiu exercício e prova, em nada menor que as demais; de forma alguma nos poupou, de fato, embora tenha atingido muito os pagãos⁴⁰.

Diante desses testemunhos, Stark conclui que, “num momento em que todas as outras crenças religiosas estavam em xeque, o cristianismo oferecia explicação e con-

³⁶ STARK, Rodney. *O crescimento do cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 88.

³⁷ STARK, 2006, p. 88.

³⁸ STARK, 2006, p. 89.

³⁹ STARK, 2006, p. 93-94.

⁴⁰ EUSÉBIO DE CESARÉIA. *História Eclesiástica*. São Paulo: Paulus, 2000. p. 367-368.

forto. E o que é mais importante ainda, a doutrina cristã proporcionava uma *prescrição para a ação* [grifo do autor]⁴¹. Observe-se que não se trata de argumentar sobre a verdade ou inverdade da doutrina cristã, mas da sua capacidade de prover respostas que pareciam críveis e plausíveis tanto para os seus fiéis, quanto para possíveis novos adeptos e adeptas.

Um segundo motivo apresentado por Stark é que os preceitos cristãos do amor fraterno e da caridade tinham se tornado em normas práticas de solidariedade comunitária e serviço social. Isso permitiu às pessoas cristãs enfrentarem de forma mais adequada catástrofes como a pandemia.⁴² Já vimos como Cipriano, tanto no testemunho de seu biógrafo Pôncio como no seu tratado, valorizava a prática das boas obras e do cuidado às pessoas doentes. Em Alexandria, o bispo Dionísio dá testemunho semelhante:

Nossos irmãos, porém, em sua maioria, num excesso de caridade e amor fraterno, não se poupavam, uniam-se uns aos outros, visitavam sem precauções os doentes, serviam-nos com diligência, dispensavam-lhes cuidados em Cristo e consideravam desejável partir desta vida com eles. Contaminados pela moléstia dos outros, contraíam a peste por contágio dos seus e aceitavam de bom grado as dores. E muitos, depois de terem cuidado e reconfortado os outros, morriam também eles, assumindo morte semelhante [...]. O comportamento dos pagãos era inteiramente oposto. Expulsavam os que começavam a adoecer; fugiam dos seus mais queridos; jogavam nas ruas homens semivivos; rejeitavam cadáveres insepultos; fugiam da transmissão e do contato da morte, mas era difícil evitá-la, mesmo àqueles que empregavam todos os meios⁴³.

Stark conclui, com base não somente nos testemunhos de Cipriano e Dionísio, mas também no testemunho de autores pagãos antigos, que a maneira como a doutrina cristã ensinava e praticava o dever de amar ao próximo fazia diferença em situações críticas como a pandemia e que a comunidade pagã, em sua maioria, não possuía uma base doutrinária ou tradicional que lhe fosse equivalente.⁴⁴

O terceiro motivo apontado por Stark é de ordem propriamente social. Ele argumenta que a grande mortalidade gerada pela epidemia deixou muitas pessoas pagãs sem seus vínculos interpessoais, o que levou muitas delas a formarem novos vínculos com indivíduos e comunidades cristãs, facilitando sua conversão à nova fé.⁴⁵ Considerando que muitas pessoas pagãs fugiram das cidades para tentar escapar das pragas, abandonando as pessoas doentes, e que muitas dessas pessoas enfermas foram tratadas por membros da comunidade cristã, Stark defende que as sobreviventes, que perderam seus antigos vínculos familiares, encontravam na comunidade cristã novos vínculos sociais e afetivos, o que aumentava as chances de sua conversão à nova fé.⁴⁶

⁴¹ STARK, 2006, p. 95.

⁴² STARK, 2006, p. 88.

⁴³ EUSÉBIO DE CESARÉIA, 2000, p. 368-369.

⁴⁴ STARK, 2006, p. 100-102.

⁴⁵ STARK, 2006, p. 89.

⁴⁶ STARK, 2006, p. 89.

No texto de Cipriano não encontramos evidências disso, mas a argumentação de Stark em defesa desse ponto, ao menos como possibilidade, é bastante plausível.

Assim, pode-se concluir que as crenças e atitudes cristãs diante da “Praga de Cipriano” tiveram um papel muito importante para o crescimento da igreja, porque oferecia consolo e esperança e também porque se traduziam em ações concretas de cuidado e solidariedade para com seus membros e para com as pessoas de fora da comunidade. A seguir, faremos uma reflexão sobre como isso pode nos ajudar em nossa presente situação.

Cipriano, nós e a Covid-19

Se Stark estiver correto, a pandemia de Covid-19 é uma catástrofe natural capaz de produzir uma crise de fé. No caso do Brasil, pode-se concordar com as palavras de Márcio Oliveira: “O certo é que em meio à pandemia Covid-19, observam-se profundas mudanças no comportamento social dos/as brasileiros/as, procedimentos institucionais e de empresas, assim como nas práxis pastorais das Igrejas nesse período crítico de saúde pública”⁴⁷. Ainda de acordo com Oliveira, o avanço da pandemia no Brasil agrava-se em função dos nossos conhecidos problemas na área da saúde, da desigualdade social, da crise política, entre outros. Nesse cenário, acrescenta-se a “pressão de setores das igrejas evangélicas para manter templos abertos durante o crescimento no número de casos da Covid-19 no país”⁴⁸. Ao mesmo tempo, várias organizações religiosas – católicas, evangélicas e de outras crenças – orientaram sua liderança e fiéis a manter o isolamento social e a fazer uso dos recursos tecnológicos para a realização de seus cultos e reuniões de forma virtual.⁴⁹

A partir dessas considerações, pontuamos algumas questões sobre *De mortalitate* que podem servir à nossa realidade. Uma primeira questão é nos apropriar da fé como fonte de sentido e de esperança. Esse é um aspecto fundamental para Cipriano e que o leva a considerar que a atitude cristã diante da doença e da morte deve ser diferente de quem que não compartilha da mesma fé. Entretanto, julgamos necessário criticar a desvalorização da vida presente, fruto da visão dualista de Cipriano e da igreja cristã de sua época, que tendia a desprezar o corpo em detrimento da alma e a vida neste mundo em detrimento da vida futura.⁵⁰ É necessário corrigir essa visão e dar lugar a uma teologia que leve em consideração o ser humano integral e que valorize não só a esperança na vida eterna após a morte, mas também o cuidado com esta

⁴⁷ OLIVEIRA, Márcio Divino de. Cuidado pastoral da Igreja em tempos de pandemia: Covid-19. *Caminhando*, v. 25, n. 1, p. 257-276, 2020. p. 258.

⁴⁸ OLIVEIRA, 2020, p. 260.

⁴⁹ Para um panorama geral, veja-se OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de et al. As organizações religiosas brasileiras frente à pandemia de COVID-19. *Journal of Latin American Geography*, v. 20, n. 10, p. 1-8, 2020.

⁵⁰ Sobre o papel do dualismo na teologia cristã antiga, veja-se ROSA, Wanderley Pereira da. *O dualismo na teologia cristã*. São Paulo: Fonte Editorial, 2010. p. 19-44.

vida e com a criação. Nas palavras de Moltmann, a vida em sua totalidade deve ser “vivida e vivenciada, acolhida e amada”⁵¹.

Também se faz necessário criticar a forma como Cipriano lida com o luto. Se é verdade que a fé cristã exorta a enfrentar a morte de uma maneira diferente dos “que não têm esperança” (1Ts 4.13), ela também exorta a “chorar com os que choram” (Rm 12.15). A pandemia tornou o luto ainda mais complexo, pois as restrições de segurança sanitária impedem ou dificultam a realização dos cultos e ritos funerários por parte de familiares e pessoas amigas. Além disso, há um sentimento de luto geral, tanto para quem perde seus entes queridos como para todas as pessoas que se sensibilizam com o crescente e rápido número de mortos. “Essa realidade recobra a necessidade da igreja pastorear não apenas os enlutados, mas uma sociedade em luto.”⁵² O choro e a dor não devem ser reprimidos, pois o luto é um processo necessário, “um tempo de transição para ‘matar o morto’ como parceiro de diálogo entre os vivos”⁵³.

Fundamental é fazer deste tempo um tempo de aprofundamento das redes de solidariedade, de serviço e de cuidado. A exortação de Cipriano à prática das boas obras em favor de todos e, em especial, em favor das pessoas enfermas, enlutadas e desamparadas é mais atual do que nunca. Entretanto, situações novas exigem também atitudes novas. Se no mundo de Cipriano cuidar das pessoas doentes significava, muitas vezes, arriscar-se ao contágio sem proteção – porque elas eram desconhecidas ou inexistentes –, em nosso próprio tempo, com o conhecimento que temos a respeito dos processos de contágio e das formas de evitar a propagação da doença, devemos manter a mesma disposição de cuidado e solidariedade, mas com novas atitudes, lembrando que, em nosso contexto, manter o devido distanciamento social recomendado pelas autoridades sanitárias é uma forma essencial de demonstrar amor e cuidado com o próximo. Além disso, defender um sistema de saúde pública gratuito e acessível a todos, bem como políticas de renda mínima para a população economicamente mais fragilizada são atitudes perfeitamente condizentes com uma ética cristã de cuidado e solidariedade.

Considerações finais

Em uma já proverbial definição, o historiador Jaroslav Pelikan afirmou que “a tradição é a fé viva do morto; o tradicionalismo é a fé morta do vivo”⁵⁴. Revisitar autores da tradição cristã não pode ser, portanto, um exercício de tradicionalismo, visando à mera repetição de crenças e atitudes do passado. Não obstante, a tradição é rica em princípios, testemunhos, exemplos e *insights* que podem ser apropriados criticamente pelas novas gerações cristãs diante de desafios que são, ao mesmo tempo, semelhantes e diferentes daqueles que foram enfrentados no passado. Dessa forma, a obra de Cipriano de Cartago, que procurou responder aos problemas do seu tempo a

⁵¹ MOLTSMANN, Jürgen. *Ética da esperança*. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 81.

⁵² OLIVEIRA, 2020, p. 269.

⁵³ LEPARGNEUR, Hubert. *Lugar atual da morte*. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 37.

⁵⁴ PELIKAN, Jaroslav. *A tradição cristã: uma história do desenvolvimento da doutrina*. São Paulo: Shedd, 2014. v. 1, p. 32

partir do seu horizonte de crenças e valores, merece ser considerada por nós, de modo que, inspirados pelo seu senso de urgência e seriedade, possamos procurar respostas a atitudes para o tempo crítico pelo qual passamos agora.

Referências

- BÍBLIA SAGRADA. Traduzida por João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Atualizada no Brasil. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.
- BRAY, Robert Stow. *Armies of pestilence: the impact of disease on history*. New York: Barnes & Noble, 2000.
- BROWN, Peter. *Corpo e Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- CIPRIANO DE CARTAGO. A Mortalidade. In: CIPRIANO DE CARTAGO. *Obras completas*. São Paulo: Paulus, 2016. v. I.
- EUSÉBIO DE CESARÉIA. *História Eclesiástica*. São Paulo: Paulus, 2000.
- FAVEZ, Charles. *La consolation latine chrétienne*. Paris: Vrin, 1937.
- IRVIN, Dale T.; SUNQUIST, Scott W. *História do movimento cristão mundial*. São Paulo: Paulus, 2004. v. 1.
- LEPARGNEUR, Hubert. *Lugar atual da morte*. São Paulo: Paulinas, 1986.
- LOPES, Geraldo. *Patrística pré-nicena*. São Paulo: Paulinas, 2014.
- MOLTMANN, Jürgen. *Ética da esperança*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- MORESCHINI, Claudio; NORELLI, Enrico. *História da literatura cristã antiga grega e latina I: de Paulo à era constantiniana*. São Paulo: Loyola, 2014.
- OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de et al. As organizações religiosas brasileiras frente à pandemia de COVID-19. *Journal of Latin American Geography*, v. 20, n. 10, p. 1-8, 2020.
- OLIVEIRA, Márcio Divino de. Cuidado pastoral da Igreja em tempos de pandemia: Covid-19. *Caminhando*, v. 25, n. 1, p. 257-276, 2020.
- PELIKAN, Jaroslav. *A tradição cristã: uma história do desenvolvimento da doutrina*. São Paulo: Shedd, 2014. v. 1.
- PÔNCIO. *A verdadeira vida de São Cipriano*. Lisboa: Paulus, 2018.
- ROSA, Wanderley Pereira da. *O dualismo na teologia cristã*. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.
- SAXER, Victor. Cipriano de Cartago. In: BERARDINO, A. (Org.). *Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 292-294.
- SCOURFIELD, J. H. D. The De Mortalitate of Cyprian: consolation and context. *Vigiliae christianae*, v. 50, n. 1, p. 12-41, 1996.
- STARK, Rodney. *O crescimento do cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 2006.
- TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001.